

Médico diz que *máfia* já matou cinco pessoas

Assassinatos de profissionais de saúde estariam associados a desvios de verbas. Governador diz que denúncia é exagerada

Rio — A *máfia da saúde* no Rio foi responsável pelo assassinato de cinco médicos desde agosto e continua agindo impunemente no estado. A acusação é do presidente do Sindicato dos Médicos do Rio, Luiz Tenório. Segundo ele, o diretor do Hospital da Posse, em Nova Iguaçu, Ricardo Piloto, que sofreu um atentado em 15 de agosto, perdeu o movimento das mãos e ficou impossibilitado de trabalhar como ginecologista. “Todos esses crimes estão associados a denúncias de irregularidades e desvios de verbas”, disse Tenório.

O presidente do Sindicato dos Médicos também pediu proteção policial para os diretores de hospitais do estado e médicos responsáveis por licitações e tomadas de preços.

O desabafo de Tenório foi feito depois do assassinato do tenente-coronel Valter Oliveira dos Santos, de 48 anos, vítima de uma emboscada, segunda-feira, quando se dirigia para o Hospital Central do Corpo de Bombeiros, do qual era diretor administrativo. “Certamente esse crime tem relação com a política de moralização no hospital, que o tenente-coronel apregoava”, continuou Tenório. A hipótese não foi descartada pelo delegado Juber Baesso, titular da 35ª Delegacia de Polícia, em Campo Grande, onde ocorreu o crime.

Baesso admitiu ontem a possibilidade de o crime ser elucidado até a manhã de hoje. Ele garantiu ter obtido um novo retrato falado de um dos assassinos do tenente-coronel e que o nome do outro criminoso também poderia ser identificado. “Ouvi muitas pessoas que passavam pelo local no momento do crime e outras que tinham informações a acrescentar sobre os suspeitos.”

ASSALTO

Tenório lembrou as outras mortes recentes de médicos no estado. Em 21 de agosto, Guaraci Novaes Barbosa, ex-presidente do Conselho Regional de Enfermagem, levou vários tiros num suposto assal-

to. “Ele denunciava desvios de verbas na Saúde.” Em 10 de dezembro, José Luis Madrid, chefe do serviço de Radiologia do Hospital de Nova Iguaçu, também foi atingido com tiros e não resistiu aos ferimentos. Ele havia posto, dias antes, o raio X do hospital em funcionamento, dispensando o convênio com empresas privadas.

Em 8 de fevereiro, o médico e vereador de São Gonçalo, no Grande Rio, José Benjamim Souza Sobral, também foi assassinado. Na véspera, ele havia sugerido na Câmara Municipal a construção de

vários postos de saúde na cidade. E em 11 de março, o também vereador e médico Valter Moraes de Arruda, presidente da Comissão de Saúde de Magé, no Grande Rio, foi baleado perto de casa e morreu. Ele denunciara, três dias antes, irregularidades no or-

çamento da Saúde de Magé.

SENSACIONALISMO

Mas o governador Marcello Alencar criticou a decisão do presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de pedir proteção policial para os diretores de hospitais do estado e médicos responsáveis por licitações e tomadas de preço das unidades estaduais.

“Há uma certa dose de sensacionalismo com essa atitude”, avaliou o governador. Marcello Alencar voltou a afirmar que há indícios de que o assassinato de Valter, que era o responsável pela tomada de preços da unidade da corporação, não tenha qualquer ligação com a atuação da chamada *máfia da saúde*.

Apesar de preferir não relacionar a morte do coronel com os últimos crimes que abalaram a área da saúde no Rio, o governador se mostrou preocupado com a demorar em apresentar culpados para os cinco atentados contra funcionários de hospitais nos últimos sete meses.

Marcello afirmou que pedirá ao Ministério Público do estado mais rapidez no andamento dos processos que investigam a atuação da *máfia da saúde*.

“CERTAMENTE ESSE CRIME (ASSASSINATO DE VALTER OLIVEIRA) TEM RELAÇÃO COM A MORALIZAÇÃO NO HOSPITAL, QUE ELE APREGOAVA”

Luiz Tenório,
presidente do Sindicato dos Médicos do Rio